

RIO DE JANEIRO, 9 DE MAIO DE 1977

ARENA continuará com 2/3 no futuro Senado

BRASÍLIA — A Arena continuará a ter os dois terços do Senado, dentro da nova sistemática de composição da Casa a ser implantada pela Revolução através de reformas constitucionais e da legislação eleitoral?

Essa indagação, segundo os observadores políticos, pode ser respondida afirmativamente, a despeito de especulações em contrário de alguns oposicionistas, fiados num possível desgaste eleitoral que sofreria a Arena em decorrência do novo quadro político-eleitoral que nasceu na semana passada.

O futuro Senado — acentuam — contará, no mínimo, com 42 arenistas e 17 emedebistas, permanecendo uma incógnita o preenchimento, em termos partidários, das restantes cinco cadeiras que completarão a nova composição de 64 membros dessa Casa: a bancada do Rio de Janeiro, atualmente com seis, será reduzida para quatro em 78. Enfatizam que pelo menos 27 dos atuais senadores, não voltarão em 78, entre os quais nomes tradicionais da vida pública brasileira, como Daniel Krieger, Amaral Peixoto, Gustavo Capanema, Acioli Filho, Paulo Guerra, Rui Santos, Arnon de Melo, Vasconcelos Torres e Benjamin Farah.

COMPOSIÇÃO

As especulações sobre o futuro Senado, Estado por Estado, dão conta do seguinte:

RIO GRANDE DO SUL — As duas vagas serão deixadas pelos arenistas Daniel Krieger e Tarsó Dutra. O mandato do oposicionista Paulo Brossard termina em 1982. Um dos novos senadores será indicado pelo presidente da República e a outra vaga colocada em disputa, podendo ser eleito tanto um arenista quanto um emedebista. Prevalecendo as informações de que haverá duas sublegendas, Krieger e Tarsó Dutra poderão ser os indicados para a luta, embora o ex-presidente da Arena já tenha expressado o desejo de abandonar a vida pública e o ex-ministro da Educação, por questões de saúde, não se anime a enfrentar uma campanha eleitoral, sobretudo num Estado onde os embates eleitorais, além do prestígio político do candidato, exigem disposição para percorrer todas as bases, num contato permanente com o eleitor. Assim, neste Estado, a Arena tem certo um senador eleito pelo processo indireto e o MDB, também um: Paulo Brossard. Quanto ao terceiro, ninguém se arrisca a uma previsão, principalmente porque não há ainda definição quanto a nomes. O MDB ganhou as eleições para o Senado em 74.

SANTA CATARINA — Neste Estado, o senador que fica é o do MDB: Ezeílio Vieira. Findam os mandatos dos arenistas Leonir Vargas e Otair Becker, este alçado ao Senado em decorrência da escolha do titular, Antônio Carlos Konder Reis, para o governo do Estado. Ambos possivelmente tentarão a indicação de seus nomes para a reeleição. Como a Arena neste Estado continua dividida, é problemática a eleição de um dos dois. Aqui também o MDB ganhou as eleições em 74. Cada partido tem, dessa forma, assegurada uma cadeira.

PARANÁ — Os arenistas Acioli Filho e Matos Leão são os senadores em fim de mandato. Leite Chaves, do MDB, fica até 82. O comando da Arena permanece nas mãos do ministro Nei Braga, cujo relacionamento com

Acioli e Matos Leão não é dos melhores. Por isso, acredita-se que o MDB poderá repetir o sucesso eleitoral de 74, assegurando a vaga. A terceira é da Arena, pelo processo indireto.

SÃO PAULO — Orestes Quérzia, do MDB, fica. Montoro e Oto Lehmann saem. O primeiro, com a supressão das eleições indiretas para o Governo Estadual, deverá optar pela sua reeleição, tudo indicando que ela ocorrerá. Ninguém acredita que a Arena paulista, seção onde existe o maior número de facções partidárias, possa obter êxito numa eleição majoritária para o Senado, sobretudo se se levar em conta — e devem ser levados — os resultados do pleito de 74, no qual Quérzia saiu com a maior votação já verificada para a Câmara Alta: cerca de 5 milhões de votos e enfrentando um candidato do porte de Carvalho Pinto. A situação eleitoral neste Estado não mudará muito em 78, especialmente em favor da Arena. Ao contrário, acredita-se que o MDB crescerá. Dessa forma, a Arena deve contentar-se com o senador indireto, enquanto o MDB permanecerá com os seus dois atuais representantes: Quérzia e Montoro.

RIO DE JANEIRO — Dos seis representantes do Rio de Janeiro, tem mandato até 82 Darton Jobim e Roberto Saturnino. Saem Amaral Peixoto, Nélson Carneiro e Benjamin Farah, todos do MDB, e Vasconcelos Torres, da Arena. Aqui, a sucessão para o Senado tem facetas especiais. Com a fusão da Guanabara e Rio de Janeiro, o Estado ficou anormalmente com uma bancada de seis representantes, a ser reduzida para quatro em 1978 e para três em 1982. Assim, no pleito de 78, só será preenchida por eleição direta uma vaga. A outra será pelo processo indireto. Amaral Peixoto não concorrerá, significando sua desistência a provável reeleição de Nélson Carneiro, o que tem — frisa-se — maior lastro eleitoral entre os que deixam a Casa. Consequentemente, o MDB ficará com uma bancada de três e a Arena fará o senador indireto.

ESPIRITO SANTO — O quadro, neste Estado, segundo os observadores, é nítido. Dirceu Cardoso, do MDB, fica. Eurico Resende e João Calmon disputam a reeleição, devendo pender a vitória para o primeiro. A Arena ficará, assim, com dois senadores, um deles indireto, e o MDB, com um.

BAHIA — A bancada é integrada por três arenistas: Rui Santos, Heitor Dias e Luis Viana Filho. Este tem mandato até 82. Acredita-se que, independentemente de nomes, a Arena conservará os três, embora os dois primeiros possam ser substituídos por outros arenistas.

PERNAMBUCO — Desde a cassação do mandato do senador Wilson Campos, em 1975, que a bancada de Pernambuco está desfalcada. Integram-na Marcos Freire do MDB, eleito em 74, e Paulo Guerra, Arena, em fim de mandato. Adianta-se que, com o senador indireto, a Arena ficará com dois e o MDB com um. Lembra-se apenas que Paulo Guerra, pelo seu estado de saúde, pode não concorrer à reeleição, indicando o partido outro nome, que dificilmente perderá.

EM SERGIPE, PARAÍBA, RIO GRANDE DO NORTE, CEARÁ, AMAZONAS e MINAS GERAIS, Estados cujas bancadas são integradas por dois arenistas e um emedebista, a situação, segundo os observadores, não deverá modificar-se. As duas vagas a serem ocupadas, uma indireta e outra dire-

ta, serão da Arena. Não se acredita que o MDB possa, nesses Estados, repetir o feito de 74, quando fez um senador em cada um deles: Gilvan Rocha, Rui Carneiro, Agenor Maria, Mauro Benevides, Evandro Carreira e Itamar Franco. Deverão ser reeleitos, respectivamente, Lourival Batista, Milton Cabral ou Domicio Gondim — aqui na Paraíba, não se prevê qual dos dois senadores da Arena será o escolhido pelo povo e existe a candidatura do ex-governador Ernani Sátiro —, Dinarthe Mariz, Virgílio Távora, José Lindoso e Magalhães Pinto.

Prevalecendo as especulações dos observadores políticos, deverão deixar o senado Augusto Franco (SE), Jesse Freire (RN), Wilson Gonçalves (CE), Braga Júnior (AM) e Gustavo Capanema (MG). Frisa-se, contudo, que muitos dos senadores em fim de mandato poderão alcançar, pelo pleito indireto, os governos dos seus respectivos Estados. E o caso de Magalhães Pinto, Virgílio Távora e Lourival Batista (se não houver proibição de retorno às chefias de Executivo) e José Lindoso. Nesta hipótese, outros arenistas se candidatarão às suas cadeiras no Senado, devendo sair vitoriosos.

No ACRE, a Arena possui duas cadeiras, hoje ocupadas por José Guiomard e Altevir Leal, este suplente de Geraldo Mesquita, eleito para o Governo em 74. As dúvidas, aqui, são se Altevir conservará sua cadeira e se José Guiomard disputará a reeleição. As vagas asseguradas são a do senador indireto, indicado pela Arena, e de Adalberto Sena, que venceu em 1974.

Em GOIÁS, há dúvida quanto à terceira vaga. Lázaro Barbosa, do MDB, tem mandato até 82, e a Arena tem assegurada a vaga do senador indireto. Partindo do princípio de que os senadores em fim de mandato terão assegurado o direito de concorrer à reeleição, Osíris Teixeira e Benedito Ferreira serão os concorrentes arenistas, podendo sobrar um dos dois, na direta.

A Arena, observa-se, deverá manter as três cadeiras que hoje possuem Estados de ALAGOAS, PIAUÍ, MARANHÃO, PARÁ e MATO GROSSO. Têm mandato até 1982 Teotônio Vilela, Petrônio Portela, Henrique da Roque, Jarbas Passarinho e Mendes Canale, respectivamente. Completam oito anos e devem lutar pela reeleição Luís Cavalcanti e Arnon de Melo (AL), Hévio Nunes e Fausto Castelo Branco (PI), José Sarney e Alexandre Costa (MA), Saldanha Derzi e Italílio Coelho (MT), Cateete Pinheiro e Renato Franco (PA). Como em cada um desses Estados haverá um senador indireto, cinco dos nomes acima deixarão a Câmara alta. Nesse sentido, especula-se, em torno dos nomes de Arnon de Melo, Fausto Castelo Branco, Alexandre Costa, Saldanha Derzi e Renato Franco. Dificilmente o MDB conseguirá eleger senador nesses Estados.

Nota-se, contudo, que os nomes hoje apontados como candidatos poderão ser substituídos por outros, mais sintonizados, em 78, com o eleitorado e as circunstâncias em que se desenrolará o pleito.

O grande problema, segundo os observadores, será a disputa que certamente se travará dentro da agremiação governista, para a indicação da candidatura indireta.

As primeiras informações dão conta de que muitos governadores pensam em termos de senatoria, mas espera-se que o Governo venha a cercar tais aspirações.